

difícil, por exemplo, identificar na atualidade qual teria sido o instrumento denominado *jenar*, dos textos do século V; o mesmo quanto ao *bambir* e o *barboot*; apesar disso, os nomes de vários instrumentos são indicados nas legendas das figuras do álbum. Todos eles foram classificados pela autora como sendo de percussão, de sopro ou de cordas.

Na compilação a pesquisadora reuniu vasto material que extravasava os limites da obra planejada; pelo que, tem esperanças na realização de novos estudos por outros peritos, a fim de serem mais amplamente analisadas as miniaturas armênicas.

Conclui com a observação de que o Prof. L. Khachikian, há anos, elaborou estudos proveitosos sobre os assuntos em questão, e muito contribuiu com sua orientação para que se realizasse a presente obra.

Fundamental é o trabalho apresentado por Kevorkian, pois nos põe em contato com essas importantes fontes primárias, que são as miniaturas armênicas, retiradas de manuscritos originais, preservados cuidadosamente através dos tempos. Além disto, oferece valiosos esclarecimentos sobre a vida quotidiana daquela época e região, mediante o impacto direto e eloqüente das ilustrações, que dispensam maiores comentários para transmitirem a informação.

Com esse livro, de alto nível científico e excelente planificação, sem dúvida criou a autora uma base de encorajamento para os estudiosos de assuntos armênios. É uma realização de interesse geral, para todas as pessoas que saibam apreciar os legados culturais deixados pelas gerações de antanho.

BEATRIZ DINIZ

* * *

*

FISCHLER, BENZION e UZZI, *SEFER ROSEN* (Memorial a Rosen: ensaios sobre o ensino do hebraico como uma segunda língua), Council on the Teaching of Hebrew, Jerusalem, 1975.

Este compêndio é um memorial a Aharon Rosen, amplamente conhecido pelo seu método original de ensinar hebraico para adultos e também por suas numerosas contribuições neste campo. Ele contém vinte e quatro artigos, os quais dividem-se em três partes: "Sobre Aharon Rosen e seus escritos", "Sobre a Língua Hebraica" e "Sobre o Ensino do Hebraico"

O espaço limitado desta resenha não permite estender-se sobre cada ensaio e por esta razão ela deixa de lado descrições e comentários sobre todos os artigos. Mas, mesmo tratando-se de uma resenha, alguns dos trabalhos merecem de nossa parte uma atenção especial.

A primeira parte deste compêndio nos faz rememorar a admirável figura que foi Aharon Rosen, conhecido em todos os países onde houve preocupação pelo aprendizado do hebraico, pois em todos eles suas obras serviram de guia. Os informes biográficos nos são fornecidos por Bilha Rosen. Seus companheiros de trabalho Zeev Ben e Israel Mehlman relatam a árdua tarefa por ele executada. Esta primeira parte encerra-se com uma obra do próprio Aharon Rosen. Ele escreveu seu livro *Ensinando Hebraico* em 1957 como fruto de décadas de trabalho. O primeiro capítulo, aqui reproduzido, trata de como despertar num adulto a capacidade de aprendizagem de uma nova língua e os métodos por ele empregados.

Iniciando a segunda parte deste compêndio Uzi Ornan, autor de inúmeras obras sobre a língua hebraica, analisa em seu estudo "*Formal e Funcional*" a formulação dos tratados de gramática demonstrando que a partir de princípios formais deve-se chegar a uma formulação funcional. O problema existe porque todos os livros de gramáticos publicados há poucas décadas visavam, principalmente, um público cuja língua materna não era a hebraica e cujo propósito era apenas a compreensão da Bíblia. E o seu propósito é formular uma gramática não para uma segunda língua, mas sim para a língua materna.

Rachel Landau em "*Graus de Dependência Semântica na Linguagem*" trata de um problema que afeta de maneira especial aqueles que estudam o hebraico como segunda língua. Dois fenômenos semânticos persistem neste aprendizado e atraem a curiosidade dos estudantes: a sinonímia e a polissemia. Uma das dificuldades é o fato de que cada sinônimo tem uso semântico especial. Para o uso semântico adequado, há necessidade de conhecimento das regras de combinação semântica do vocabulário. Uma das maneiras de determinar estas regras é o conhecimento da "Noção de Conjuntos Seletivos". Estes conjuntos seletivos determinam o elemento contextual necessário e suficiente para condicionar um dado significado. Isto capacita a formulação de princípios de combinação semântica ou seja o uso específico e próprio de cada palavra nos seus vários significados.

Pinchas Lapine em seu artigo "*O Hebraico nas Igrejas*" trata do uso do hebraico nas igrejas européias desde os princípios da Idade Média, bem como da nova tendência de hebraização de um número crescente de congregações cristãs (Católica, Protestante e Greco-Ortodoxa) no Estado de Israel. Este assunto não tem sido muito estudado até o presente momento.

Shelomo Morag em "*Palavras-chaves e Palavras testemunhais na Linguagem de Jeremias*" apresenta uma tentativa para aplicar à linguagem de Jeremias os princípios metodológicos desenvolvidos por G. Matoré em seus livros *Le vocabulaire et la société sous Louis-Philippe* e *La méthode en lexicologie*. Matoré faz distinção entre "palavras-chaves" ("mots-clé") e palavras testemunhais ("mots-témoins"). Uma palavra-chave significa um conceito ou noção que ocupa um lugar importante na vida e no mundo espiritual da sociedade numa certa geração lingüística. Uma "palavra testemunhal", por outro lado, é um suporte-testemunhal para uma troca que se realizou na vida da sociedade, em sua escala de valores,

em seu mundo espiritual, etc. Uma palavra testemunhal pode também ser uma “palavra-chave”, mas nem toda “palavra-chave” pode ou é uma “palavra-testemunhal”. O autor faz uma análise detalhada do livro de Jeremias usando este método.

Ronie Pines nos apresenta um artigo muito interessante denominado “*Ambigüidade no Nível Sintático*”. O fato das vogais em hebraico (quase todas) não serem indicadas na escrita traz ambigüidade de muitas formas na leitura, o que torna a compreensão muito difícil. A maioria da decifração de palavras é feita no nível sintático. Nas relações entre palavras existem qualidades que ajudam a reduzir e prevenir a ambigüidade. Graças a estes “guias de leitura” é que o leitor é bem sucedido na decodificação de um texto, fluentemente. Isto é, em muitos casos a sintaxe esclarece a semântica e contribui para a decodificação.

Eliezer Rubinstein trata dos “Deslocamentos de Categorias na Linguagem Falada”. No hebraico moderno ele verificou o interessante fenômeno do aumento de palavras a partir do deslocamento de uma categoria para outra ou seja o uso de substantivos como adjetivos intensificadores.

Em uma pesquisa extremamente interessante Jonathan Shunary fez um levantamento do “Hebraico Falado na Televisão Jordânica”. A transmissão diária de quinze minutos consta de notícias e comentários. O estudo se refere às particularidades surgidas nesta linguagem e que não são estranhas àqueles cuja língua mãe é o hebraico. As características principais são: vocabulário semelhante ao encontrado na imprensa escrita; diferenças na pronúncia e nos aspectos gramaticais; pois, apesar de alguns pontos semelhantes com a língua árabe, as duas línguas diferem muito. Ocasionalmente o erro decorre da existência de uma palavra árabe baseada na mesma raiz consonantal, mas que difere semanticamente.

Ruth Aronson Berman em seu artigo “Registro Léxico para Verbos, Raízes e Conjugações” discute a representação das formas verbais no léxico do hebraico moderno em termos do relacionamento entre dois elementos: Raiz Consonantal e Modelo Morfológico ou Conjugação (“Binyan”). A autora considera três possíveis obordagns: Regularidade Total; Anomalia Total (irregularidade) e Redundância Léxica.

A sua análise baseia-se no 2.º capítulo do estudo de Chomsky *Aspects of the Theory of Syntax*, The M. I. T. Press, Cambridge, Mass, 1965.

Finalizando esta segunda parte, Ben Zion Fischler, um dos responsáveis por esta coletânea e atualmente realizando importante atividade à testa do Instituto para a Difusão da Língua Hebraica no Exterior, nos traz um estudo sobre o problema gramatical que afeta a linguagem falada atualmente em Israel, *As Consoantes Beth Kaf e Pe* cuja pronúncia é alterada erroneamente na linguagem oral, criando-se assim novas derivações de palavras, que entram no vocabulário do falante israelense.

Rafael Balguz, baseado em rica bibliografia, apresenta o artigo “Movimentos dos Olhos no Processo da Leitura”. O leitor comum acredita que seus olhos

passam num vôo suave através das linhas de material de leitura e que absorve a informação nelas contidas. No entanto, este não é o caso, realmente. Nos últimos anos do século XIX foi descoberto que o olho não se move continuamente na leitura, mas prende-se a um ponto na linha, absorve os gráficos, interpreta-os cognitivamente e pula para o próximo ponto, e assim por diante, até o final da linha. Dois sistemas principais foram desenvolvidos para fotografar os movimentos do olho: o “Ophthalmograph” e o “Electro-Oculo-Graph”. Investigadores acham que a correspondência entre os dois sistemas é grande. Cinco características-modelo de movimento de olhos foram isoladas.

Existe em Israel um interesse especial em pesquisar os movimentos dos olhos durante a leitura porque os imigrantes de outros países devem habituar-se a movimentos de olhos em direção oposta àquela na qual eles foram originalmente ensinados, e estudantes israelenses, que estudam línguas européias, devem fazer o mesmo só que reversamente. A questão é: existem ramificações na troca de direção, de um modo ou de outro, para a natureza de aquisição da habilidade de leitura?

Shoshana Blum, analisa em seu artigo a problemática do “Ensino da Leitura de Jornal”. Os dois fatores de dificuldade na leitura de jornal em classes de língua — o fator de vocabulário e o fator sintático — são analisados detalhadamente e é feita uma tentativa para provar que o nível de legibilidade de um jornal “fácil” (especialmente adaptado para novos imigrantes) não é muito mais alta do que a dos jornais diários comuns. Um novo método para o problema é defendido: palavras de alta frequência, com novos valores, devem substituir as palavras concretas de baixa frequência no vocabulário do principiante. A compreensão da leitura, baseada na decodificação sintática, deve ser desenvolvida desde os primeiros estágios. As classes devem começar a manejar ou tentar resolver os cabeçalhos ou títulos sintaticamente graduados com um vocabulário mínimo de 200 a 500 “palavras de jornal” e com uma habilidade em decodificação sintática. Afirma-se que o ensino da leitura de jornal é um processo basicamente orientado no sentido de tornar as informações implícitas dos artigos de jornal em informações explícitas ou claras. É apresentado um detalhado plano de estudo e são sugeridas técnicas para sua implementação. Finalmente, é feita uma tentativa para analisar as idéias desenvolvidas neste estudo bem como as possíveis linhas-guias para a preparação de jornais para estudantes de línguas, tanto dentro de um nível em particular bem como num nível mais geral para todos os estudantes.

Em “Os Problemas no Primeiro Estágio no Ensino da Leitura” Shlomo Haramati faz uma tentativa para analisar os problemas no primeiro estágio de aprendizagem da leitura e os meios ou modos de ensino. A hipótese é que as dificuldades para aprender neste estágio — o prudente “reconhecimento de palavras” — resultam principalmente da diferença entre o simbolismo da linguagem (falada) e o simbolismo da escrita como “um símbolo de um símbolo”, ou seja, um símbolo gráfico de um símbolo fonético (= fonemas). O autor define

um símbolo como sendo “um sinal convencional”; e diz que em seu relacionamento entre o símbolo e a coisa simbolizada falta uma conexão lógica e necessária e que é mantida somente por convenção. Entretanto, do ponto de vista do aprendiz, a ligação simbólica parece ser arbitrária. Esta é uma das fontes ou meios das maiores dificuldades quanto à aprendizagem de palavras no estágio de seu reconhecimento. E é uma dificuldade crescente para não poucos professores também.

O autor acredita que o estágio de reconhecimento das palavras deve basear-se no relacionamento simbólico entre o sistema escrito e os fonemas. Em outras palavras, o estudante deve entender a não-dependência dos fonemas num contexto específico.

Simultaneamente com os treinamentos de decifração, o autor sugere que se inclua no primeiro estágio um treinamento paralelo de “vocabulário visual”

Yehuda Maraton de maneira interessante aborda um tema histórico inusitado: a lei de 1858 da cidade então húngara Temeshvar, hoje romena, que regulamentava a pronúncia a ser usada nas escolas judaicas no ensino da língua hebraica. A pronúncia sefaradita tornou-se então obrigatória em oposição à pronúncia ashkenazita comum a todas as comunidades da Europa Central e Oriental.

Rafael Nir, em “Os Problemas na Aquisição do Vocabulário Hebraico”, analisa a composição do vocabulário e examina alguns dos métodos de sua instrução. O dicionário inclui e abrange além de palavras simples e isoladas, algumas disposições ou ordens, sendo que a maioria delas são de natureza idiomática. Estas colocações ou disposições são unidades semânticas independentes.

O autor examina o chamado “método direto” e o “método de associação direta”, sendo que este último método (ligação direta entre o signo e o referente) é contra o método tradicional que recomenda uma memorização rotineira de listas de palavras com as suas respectivas traduções. O método de “associação direta” tem algumas desvantagens; mas o autor sugere meios para superá-las.

Samuel Sirat fala do desenvolvimento do “Ensino da Língua Hebraica nas Universidades Francesas” nas últimas décadas.

Shlomo Kodesh no artigo “*O Indivíduo no Ulpan*” (escola de hebraico para adultos) mostra os meios para se incentivar o aluno adulto para o aprendizado de uma língua estrangeira.

“Aprendendo a Escolher as Palavras” — Chaim Rabin em seu artigo analisa a falta de sensação de progresso no estágio pós-intermediário na aprendizagem de uma segunda língua. Isto é devido a uma troca das características estatísticas do seu vocabulário neste nível, contrário ao estágio elementar. Em qualquer lista de frequência, as primeiras 600 palavras, aproximadamente, têm um índice de uso muito alto. Palavras de baixa frequência ocorrem, em média, uma vez em cada dez páginas, e elas se tornam relevantes ao aprendiz de uma língua. Este estudante defronta-se então com um estoque imenso de palavras, as quais ele está propenso a encontrar frequentemente.

O falante nativo lida com esta característica por meio de sua habilidade de selecionar palavras de conversa e leitura com seus significados contextuais próprios. O professor de língua tem de encontrar meios de desenvolver a mesma habilidade em seus alunos por meio de troca de seus métodos e introduzindo vocabulário novo. Isto implica em explicação de palavras, bem como em dirigir a atenção do estudante para contextos derivados, conjuntos frasais e também para a transparência semântica de muitas palavras em hebraico.

Yehuda Radday trata, em “O Papel da Bíblia no Ensino do Hebraico”, das dificuldades da iniciação deste ensino a alunos cujo principal objeto é a língua hebraica falada. A morfologia, a sintaxe e o vocabulário bíblico não facilitam a consecução do objetivo principal. Mas, apesar disto, se um encontro com o hebraico bíblico é desejável, isto deveria acontecer no final de um curso para principiantes, quando algumas horas poderiam ser dedicadas a um estudo profundo de pequenos textos cuidadosamente selecionados.

Bilha Rosen em “Humor na Sala de Aula” salienta a necessidade do humor para quebrar a tensão e a depressão própria de um adulto que necessita estudar determinada língua estrangeira.

Zvi Scharfstein em “Ensinando nossa Língua em Ambientes Estrangeiros” afirma que uma língua é normalmente aprendida nos meios-ambientes da comunidade na qual ela é falada. O que é estudado na escola é reforçado em casa e fora da escola e o que é aprendido por meio dos professores serve para ampliar as estreitas experiências domésticas e exteriores, como as aprendidas na rua. O lar, a rua e a escola completam-se uns aos outros; são complementos recíprocos e, após certo período de tempo, a criança interessada e privilegiada adquirirá um conhecimento completo de sua língua.

Entretanto, o estudo do hebraico, desde a destruição de seu Estado 1900 anos atrás, não tem tido o benefício de tais condições vantajosas. Até hoje, a maioria dos judeus procura adquirir algum conhecimento da língua, embora a instrução seja limitada principalmente à língua escrita. O interesse disto encontra-se na transmissão dos textos sagrados, e, por isso, pouco esforço foi expendido no ensino de um controle gramatical acurado da língua.

O autor reconta a estória de sua própria carreira como um entusiasta professor de hebraico, desde os tempos de seus primeiros esforços feitos com seus amigos para falar a língua hebraica e da fundação de uma escola para crianças pobres, quando tinha apenas 16 anos.

Suas migrações, através dos anos, levaram-no da Rússia para a Galícia e, posteriormente, aos trinta anos de idade, para a América, onde ele passou e dispendeu cerca de meio século como o maior difusor da língua hebraica.

O autor esboça e salienta os vários tipos de escolas de hebraico que operam nos Estados Unidos e comenta a eficiência de cada uma das classes de língua hebraica. Ensinar uma língua como um assunto isolado em ambientes não-hebraicos exige repetição, reforço e memorização. A reiteração do vocabulário,

de acordo com a seqüência natural, conduz a resultados melhores, e não deve ser negligenciada, mas sim colocada numa atmosfera agradável na classe.

PRISCILA MOREINAS GRINBLAT

*

* *

Samuely, Tibor, *The Russian Tradition*, Nova York, McGraw-Hill Book Company, 1975, 2ª edição, 443 p. p.

O grande mérito do livro não reside tanto na originalidade de sua tese, que, como diz a contra-capá da edição americana (a edição original é inglesa), consistiria em “explodir a noção tradicional” que o Ocidente mantém do advento da Revolução de Outubro como “fenômeno radicalmente novo”, apresentando-a, ao contrário, como resultado inevitável de uma peculiar tradição revolucionária, enraizada na Rússia desde os tempos medievais, onde o estopim da subversão é mantido aceso por minorias radicais que reemergem sistematicamente das vagas da repressão. Segundo o autor, bastaria ao Ocidente ter meditado tão somente sobre Verkhoviênski ou Stavróguin de *Os Demônios* de Dostoiévski, e a tese não resultaria tão inusitada assim...)

Nem está, em nosso ver, o mérito, na maneira (cativante) como o autor, para provar sua tese, de certa maneira exaspera a dicotomia, nas várias sociedades secretas, entre idealismo e eficácia, entre teoria e práxis, colocando frente a frente, num fascinante desfile animado, personagens célebres ou quase esquecidas, Bakúnin e Netcháev, Petrachévski e Spechniéev, Herzen e Tchernichévski, Mikhailov e Zaichniévski, Tkatchóv e Lavrov, etc. etc. — onde o desbravamento de um caminho russo para a Rússia não resguarda nem os patronos ocidentais da Revolução:

— O problema com “Herr Engels”, escreveu Tkatchóv, é que com todo seu saber, da Rússia ele não conhecia nada. “Julgar nosso programa pelo ponto de vista germânico (i. e. pelo ponto de vista das condições sociais do povo alemão) é tão absurdo quanto examinar o programa alemão pelo ponto de vista russo” (p. 295). e mais adiante, antecipando-se à conclusão:

— O “realista” Tkachóv previu corretamente o curso da revolução russa, mas falhou em discernir as armadilhas fatais que aguardariam o governo revolucionário; o “idealista” Lavrov, apesar de não-realístico em suas estimativas quanto ao futuro, previu corretamente as inevitáveis conseqüências de uma revolução de minoria. (p.305)

O valor da obra está, parece-nos, na possibilidade que o autor teve e soube aproveitar, de haurir minuciosas informações diretamente da fonte (antes de emigrar para a Inglaterra havia-se doutorado na Universidade de Moscou), na